

MULHER, TRABALHO E VIDA FAMILIAR: A CONCILIAÇÃO DE DIFERENTES PAPÉIS NA ATUALIDADE¹

*WOMEN, WORK AND FAMILY LIFE:
PLAYING DIFFERENT ROLES NOWADAYS*

Cibele Roso Oliveira² e Elisete Soares Traesel³

RESUMO

No presente estudo, busca-se investigar e descrever os efeitos sobre a mulher das demandas da atualidade relacionadas à conciliação de diferentes papéis, assim como seus impactos sobre o relacionamento conjugal e sobre a sua relação com a maternidade, tendo em vista a relevância dessa reflexão para a compreensão da subjetividade feminina diante das exigências contemporâneas. Para tanto, foi utilizado o método qualitativo e, como instrumento de captação dos dados, entrevista semiestruturada. Participaram da pesquisa dez mulheres, escolhidas por conveniência, casadas ou com união estável, mães cujo(s) filho(s) mora(m) em sua casa e está(ão) sob seus cuidados e que têm um trabalho remunerado. Para a análise das informações, foi utilizado o método de análise de conteúdo, pelo qual foi possível analisar as seguintes categorias definidas em etapa posterior ao levantamento de dados: a mulher e a sua relação com o trabalho; impactos sobre o relacionamento conjugal; demandas contemporâneas e maternidade; e vivências subjetivas da mulher na atualidade. Constatou-se que papéis modernos e antigos coabitam e que as demandas culturais contemporâneas à mulher tornam-se cada vez mais complexas, com fortes impactos sobre sua subjetividade.

Palavras-chave: subjetividade da mulher, vida familiar, exigências contemporâneas.

ABSTRACT

The present study search to investigate and to describe the effects about the woman, of the demands of the present time related to the reconciliation of different

¹ Trabalho de Iniciação Científica - UNIFRA.

² Acadêmica do Curso de Psicologia - UNIFRA.

³ Orientadora - UNIFRA.

papers; as well as, its impacts about the conjugal relationship, as well as on the its relation with the maternity having in mind the relevance of this reflection for the comprehension of the feminine subjectivity faced with the contemporary demands. For the realization of this study, the qualitative method was used and like instrument of collection of the data, semi-structured interview. Participate of the research ten women chosen by convenience, married or with stable union, mothers whose sons lives at their home and are under their cares and what have a paid work. For the analysis of the information there was used the method of analysis of content, by the which was possible analyse the following definite categories in subsequent stage to the lifting data: the woman and her relation with the work; impacts about the conjugal relationship; contemporary demands and maternity; and, subjective experiences of the woman in the present time. It was noticed which and modern and ancient papers live together and that the contemporary cultural demands to the woman become more and more complex, with strong impacts about her subjectivity.

Keywords: *subjectivity of the woman, family life, contemporary demands.*

INTRODUÇÃO

Segundo Gilles (2000), há três décadas as mulheres vêm se apresentando, cada vez mais maciçamente, no mercado de trabalho. Nota-se que não apenas o assalariamento feminino aumentou, como também são numerosas as mulheres que não param de trabalhar depois do casamento e do nascimento do primeiro ou segundo filho. Atualmente, a continuidade do emprego feminino se impõe como a norma dominante e o número de casais em que os dois cônjuges trabalham ultrapassa muito o das famílias em que apenas o homem trabalha. Assim, o trabalho, para a referida autora, constrói mais a identidade social das mulheres do que antigamente, quando apenas os papéis de mãe e esposa eram socialmente legítimos.

Desse modo, com esta pesquisa, busca-se analisar a dinâmica estabelecida pelas diferenças homem/mulher atravessadas pela via do social e, da mesma maneira, compreender como a mulher vivencia a demanda contemporânea da multiplicidade de papéis.

Sendo assim, no presente trabalho, aborda-se, a partir da perspectiva das mulheres entrevistadas, as vivências de conciliação de seus diferentes papéis na contemporaneidade, contribuindo para a elucidação e reflexão sobre os múltiplos lugares que ela ocupa na sociedade.

REVISÃO DE LITERATURA

A história das mulheres, segundo Colling (2004), é uma história recente, porque, desde o século XIX, o seu lugar dependeu das representações dos homens, isto é, o masculino aparecendo sempre como superior ao feminino. Entretanto, hoje, de acordo com Vaitsman (2001), as fronteiras entre papéis estão cada vez mais fluidas e, em consequência, a identidade de homens e mulheres também torna-se mais flexível e aberta à mudança. A redefinição de espaços e a permanente reorientação de projetos são levadas ao extremo, sob as condições históricas contemporâneas e isso vem afetando o modo das pessoas se relacionarem entre si, nas várias esferas de sociabilidade e afetividade.

Rago (2004) atenta para o novo lugar que o feminino vem ocupando no imaginário social, na medida em que deixa de ser inferiorizado em relação ao masculino, e para as inovações nas formas de expressão construídas pela cultura feminina na contemporaneidade.

Para Baptista (1995), a partir do movimento feminista nos anos 70, a mulher percebeu sua condição e seu potencial intelectual, sua capacidade de trabalho e de competitividade em relação ao homem. Assim, aquilo que antes era o valor maior, a maternidade, o cuidado com a casa e as tarefas domésticas foi desvalorizado e diminuído. Esse movimento levou a mulher a sair dos limites da casa para “trabalhar fora”, conseqüentemente, havendo uma divisão, entre o fora e o dentro de casa sendo que, geralmente, o que é considerado trabalho é o que se passa fora do espaço físico da casa e o que é remunerado.

A inserção no mercado de trabalho, conquista ou meta da maioria das mulheres, é valorizada sobretudo por possibilitar a construção de sua autonomia, ou ao menos por trazer independência econômica em relação aos (seus) homens [...] a maioria das brasileiras acumula o trabalho fora, remunerado, ao trabalho doméstico não pago, a contragosto suportando a experiência estafante da dupla jornada – um dos traços mais característicos de sua identidade de gênero (VENTURI; RECAMÁN, 2004, p. 28).

O trabalho feminino na sociedade contemporânea, conforme Gilles (2000), aparece como uma exigência individual e identitária, uma condição para realizar-se na existência, um meio de autoafirmação; inclusive, tornou-se amplamente autônomo

em relação à vida familiar, passou a ser um valor, um instrumento de realização pessoal, um desejo de ser sujeito de sua própria existência.

Em relação à família, Vaitsman (2001) ressalta que a família moderna surgiu com o desenvolvimento da sociedade capitalista, na qual se processou uma redefinição não só das relações entre as classes, mas também de gênero. A família privatizou-se, construindo-se um mundo “feminino”, da casa, que veio a se colocar como oposto ao mundo público, da rua, dominado pelo masculino nas práticas, na ideologia e no imaginário social.

O lugar das mulheres era na esfera privada definida por suas relações na família, como filhas e esposas, e não na esfera pública definida pelos princípios universalistas e igualitários do mercado.

Romanelli (2000) considera que a crescente participação das mulheres na força de trabalho é uma das transformações mais significativas na vida doméstica, o que redundava em mudanças na dinâmica familiar, tanto em relação aos vínculos que as unem ao marido e aos filhos, quanto às circunstâncias, sendo que parte dos afazeres domésticos são redistribuídos entre esposa e marido, cabendo a ele dividir com a mulher tarefas que eram realizadas exclusivamente por ela.

Portanto, para a referida autora, a crescente inclusão feminina no domínio público das atividades profissionais foi revestida de significado simbólico positivo, conferindo-se à trabalhadora e produtora de rendimentos um novo lugar nas representações sobre as mulheres, uma vez que contribuiu para a introdução de formas alternativas de relações entre homens e mulheres, dentro e fora da família.

No que diz respeito ao casamento, Diniz (1999), referindo-se ao seu estudo sobre a interação entre casamento e trabalho no relacionamento conjugal, aponta que os casais tendem a sacrificar sua intimidade para dedicar mais tempo aos papéis familiares e ao acompanhamento dos filhos.

Corroborando com essa perspectiva, Rosset (2004) considera que muitos casais, ao se tornarem pais, deixam de ser amantes, namorados, deixam de ter tempo e espaço só para eles. Entretanto, para a autora, manter a vida conjugal e amorosa, o namoro e a intimidade, é uma habilidade necessária, pois se os parceiros não continuarem a ser casal, com espaço próprio e protegido, as funções desse subsistema acabam sendo depositadas nos filhos, que ficam com uma tarefa que não deveria ser deles.

A reflexão sobre o casamento leva a pensar, a partir das mudanças sociais e culturais no âmbito do privado, como está a divisão do trabalho doméstico. Nessa perspectiva, Baptista (1995) ressalta a participação, cada vez

mais frequente, do homem no processo de transição e mudança das mulheres, pois ele passa a aceitar o desafio da cozinha, experimenta-se no cuidado com os filhos, mesmo que bebês, e tende a participar ativamente da limpeza e decoração de sua casa, não se sentindo ultrajado com a entrada da mulher no panorama financeiro do casal. Entretanto, evidencia-se que não é uma divisão, mas uma participação entrelaçada, ainda com muitos conflitos de papéis.

A autora salienta que a forma de relação que parece mais interessante é a daquele homem capaz de absorver as mudanças que se anunciam: o companheiro, ou seja, aquele que acompanha realmente o movimento da “nova mulher”, beneficiando-se também do processo.

Referente à maternidade, vale ressaltar a ideia de Badinter (1985) de que o instinto materno é um mito, não uma conduta materna universal e necessária, uma vez que o vínculo mãe-bebê é construído socialmente, ou seja, ele não é inato.

O nascimento de um filho, segundo De Felice (2000), sempre provoca modificações na estrutura e dinâmica familiar, pois envolve a inclusão de um novo membro, que altera em maior ou menor grau o equilíbrio familiar anterior. Assim, é comum encontrar na nova mãe o temor de que a chegada do bebê possa ocasionar conflitos na relação amorosa com o marido.

Baptista (1995) afirma que a mulher vive uma ambiguidade entre esse papel, não mais tão socialmente valorizado, mas que ainda é sentido como importante, e o lado profissional, que lhe proporciona identidade própria e valorização, mas que, em contrapartida, oferece-lhe uma sensação de incompletude. Nesse sentido, muitas vezes, vivencia esses dois aspectos como divididos e se sente mal por estar trabalhando e não ao lado do(s) filho(s). Entretanto, quando em casa, sente-se incompleta, necessitando dar vazão ao lado profissional e ser menos absorvida pelas tarefas domésticas.

Nessa perspectiva, Whitaker (1996) considera que haverá sempre um malabarismo, maior ou menor, para equilibrar a dupla jornada de trabalho ou, o que é pior, as jornadas superpostas, processo pelo qual a mulher vai e vem de uma esfera de trabalho para outra, ora levando os filhos ao dentista ou apanhando-os na escola, representando diferentes papéis sociais que lhe esgotam as energias.

Gilles (2000) evidencia que a condição feminina pós-moderna é caracterizada pelo compromisso com o trabalho, respondendo, agora, ao desejo de escapar ao encerramento da vida doméstica, à uma vontade de abertura para a vida social, à recusa da dependência em relação ao marido, à reivindicação de uma autonomia dentro do casal e à construção de uma “segurança” para o futuro.

Assim, a autora afirma que, a partir dessa perspectiva, o destino do feminino entrou pela primeira vez em uma era de imprevisibilidade ou de abertura estrutural.

Tudo, na existência feminina, tornou-se escolha, objeto de interrogação e de arbitragem. Nenhuma atividade mais está, em princípio, restrita às mulheres. Agora, da mesma maneira que os homens, elas estão entregues ao imperativo moderno de definir e inventar inteiramente sua própria vida.

Portanto, conforme Gilles (2000), se o lugar central das mulheres na vida doméstica persiste atualmente é porque, por meio dele, elas podem marcar suas fronteiras, arrumar um interior de acordo com seu gosto, afirmar-se como diretoras de todo um conjunto de atividades cotidianas.

Assim, embora sejam frequentemente desvalorizadas, as atividades domésticas não deixam de ser, em maior ou menor grau, maneiras de controlar um território, de construir um mundo seu.

A dinâmica pós-moderna da emancipação feminina, segundo a autora, não significa a homogeneização dos papéis dos dois gêneros, mas a persistência do papel proeminente da mulher na esfera privada, combinado com as novas exigências de autonomia individual.

As mulheres continuam e continuarão a conservar um lugar de destaque na esfera familiar, uma vez que papéis modernos e papéis “antigos” coabitam, pois o investimento feminino no familiar é acompanhado de autonomia e de sentido, de poder e de intimidade relacional.

METODOLOGIA

Para investigar o problema formulado em relação aos efeitos, sobre a mulher, das demandas atuais relacionadas à conciliação de diferentes papéis, considerou-se conveniente a utilização de um método qualitativo, que possibilita um maior aprofundamento do fenômeno pesquisado.

A pesquisa qualitativa, para Martins e Bicudo (1994), questiona e coloca em dúvida o valor da generalização, diferenciando-se da pesquisa comum. Inclusive, há uma busca pela compreensão particular daquilo que estuda. Logo, a atenção da pesquisa é específica, individual, peculiar e almeja a compreensão dos fenômenos estudados.

O instrumento de captação dos dados da presente pesquisa foi uma entrevista semiestruturada, que visa a abordar questões relativas à conciliação de diferentes papéis. Esse tipo de entrevista garante que os pressupostos da pesquisa

serão contemplados no decorrer da conversa, assim, possibilita o levantamento dos dados necessários à exploração da temática em questão.

Foram participantes, neste estudo, 10 (dez) mulheres, escolhidas por conveniência, casadas ou com união estável, mães - cujo(s) filho(s) morava(m) em sua casa e estava(m) sob seus cuidados e que tinham um trabalho remunerado. A idade das entrevistadas situou-se entre 24 (vinte e quatro) e 49 (quarenta e nove) anos. A escolaridade variou desde o Ensino Médio completo ao Ensino Superior com Especialização. O número de filhos variou de 1 (um) a 3 (três) com idade entre 2 (dois) e 24 (vinte e quatro) anos. No que se refere a horas de trabalho, trabalham de 4 (quatro) a 8 (oito) horas diárias.

A pesquisa somente teve início após aprovação do Comitê de Ética do Centro Universitário Franciscano (Unifra). As entrevistas foram realizadas em local escolhido pelas participantes, após esclarecimento dos objetivos da pesquisa e assinatura do TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido), garantindo sigilo absoluto. Nos relatos, serão usados nomes fictícios a fim de preservar a identidade das participantes.

Em relação ao método de análise, Bardin (2004) esclarece que a análise de conteúdo é uma técnica que pretende analisar, sobretudo, as formas de comunicação verbal, escrita ou não escrita, que se desenvolvem entre os indivíduos. Desde o texto literário, passando pelas entrevistas e discursos, tudo é suscetível de ser analisado por essa técnica. Segundo Chizzotti (2006), a definição de categorias é fundamental para se atingirem os objetivos pretendidos, visando a reunir significados a partir das palavras dos entrevistados.

Com fundamentação nesse método, foi efetuada a análise categorial, definindo 4 categorias, que serão apresentadas e discutidas a seguir: a mulher e a sua relação com o trabalho; impactos sobre o relacionamento conjugal; demandas contemporâneas e maternidade; vivências subjetivas da mulher na atualidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A MULHER E A SUA RELAÇÃO COM O TRABALHO

A desvalorização das tarefas domésticas e, em contrapartida, a valorização do trabalho fora de casa, até mesmo como forma de independência financeira em relação ao marido, é evidenciada no relato da maioria das entrevistadas, como é o caso de Cecília:

“... a dona de casa não é valorizada, não tem reconhecimento de sua importância. Os homens não percebem isso, para eles a mais importante é aquela que está lá fora...” (Cecília, 37 anos).

A identificação com a maternidade e com a esfera do lar aparece no relato de somente uma das entrevistadas, que relaciona o trabalho com uma questão de necessidade e não de desejo.

“Bom, a princípio, eu gosto mesmo é de ficar em casa, toda mulher, eu acho que deve gostar de ficar na casa, cuidar do lar, do marido, essas coisas assim. Mas, como também toda a necessidade obriga a gente a trabalhar.” (Teresa, 30 anos).

A partir do que foi apontado pela participante, surge-se o questionamento: o trabalho, para a mulher contemporânea, é realmente um desejo, uma conquista, ou mostra-se, na maioria das vezes, latente, uma questão de necessidade seja de ordem financeira, ou de ordem do reconhecimento a partir do olhar do homem?

Gilles (2000) define que o lugar contemporâneo das mulheres no mundo do trabalho e da família ilustra o misto de avanço igualitário e de continuidade não igualitária, o que faz muitas mulheres buscarem um equilíbrio entre vida familiar e vida profissional. Esse aspecto pode ser exemplificado pelo relato de Janete:

“... eu já tive aquela ‘história’ de carreira..., eu até pensei em fazer carreira de gerente, ou alguma coisa assim, mas isso é uma coisa que eu larguei... eu tenho que ficar em outra cidade fazendo curso, um meio ano, depois eu tenho que fazer estágio fora, e aí o que eu faço com meu filho que está em casa, que está no colégio, vou mexer com tudo isso aí... E o meu marido não vai me acompanhar, ele tem o trabalho dele, a clientela dele aqui... e nem eu teria coragem de fazer isso.” (Janete, 49 anos).

Já no relato de Beatriz, o trabalho aparece como forma de descanso em relação às atividades domésticas:

“... gosto de trabalhar, eu descanso no trabalho. Aquela coisa de casa, rotina, não é muito comigo. Se eu precisar ficar 12 horas trabalhando, eu prefiro do que ficar em casa.” (Beatriz, 31 anos).

Por meio do relato citado, percebe-se que, em alguns casos, o trabalho representa uma maneira de se distanciar do sofrimento associado à vida doméstica.

IMPACTOS SOBRE O RELACIONAMENTO CONJUGAL

Para Badinter (1985), a sociedade, até o século XVIII, valorizava o homem, e, portanto, o marido. Assim, a autoridade do pai e do esposo dominava a célula familiar, ou seja, tudo deveria girar em torno dele.

No entanto, percebe-se que, atualmente, a mulher, a partir da valorização de sua individualidade, começa a impor os seus desejos, de modo que o casamento e a família assumem novas formas; mesmo que, inicialmente, o marido mostre uma certa resistência a essa mudança. É o que pode ser exemplificado pelo seguinte relato:

“Eu acho que ele não gosta muito (risos)... O mundo dele é à parte do meu trabalho... ele está se queixando muito do que eu faço... Ele gosta da parte remuneratória.” (Gabriela, 32 anos).

A forma de relação que parece mais interessante, conforme Baptista (1995), é a do companheiro, ou seja, aquele homem que acompanha realmente o movimento da “nova mulher”, beneficiando-se também do processo e, com isso, passando a integrar todo esse quadro como agente e não como mero espectador.

A nova relação que se estabelece do marido como companheiro que acompanha o movimento da “nova mulher” é evidenciada no relato de Priscila:

“... ele sempre me deu o maior apoio pra eu trabalhar, até nos meus trabalhos manuais em casa, se tiver que... enfim, às vezes eu fico terminando um trabalho e ele fica me acompanhando, nem que seja assistindo um filme só pra eu não ficar sozinha.” (Priscila, 37 anos).

Já sobre a intimidade com o marido, muitas mulheres relataram que, com a chegada do filho e com a jornada de trabalho, a vida conjugal e amorosa é sacrificada para dedicar mais tempo aos papéis familiares e ao acompanhamento dos filhos. Esse aspecto pode ser exemplificado pelo relato de Verônica:

“... Tu está lá namorando e o teu filho chora, o clima não é o mesmo, muda, tu não é mais só namorada, né, tu é mãe. Além de tudo, hoje

em dia tu tem que conciliar tudo, continuar sendo namorada, a amante espetacular e a mãe maravilhosa. É complicado. Tu está cansada, louca de vontade de virar pro lado e dormir, e o marido está ali querendo um agrado, passando a mão no teu rosto... não, hoje não, deixa eu dormir, ou tu toma banho mais demorado pra quando chegar na cama ele já está dormindo ...” (Verônica, 31 anos).

No que diz respeito às atividades domésticas, Baptista (1995) ressalta que o homem, no processo de transição e mudança das mulheres, está vivenciando o desafio da cozinha, experimentando-se no cuidado com os filhos, mesmo que bebês, e participando ativamente da limpeza e decoração de suas casas. Esse modelo de relação pode ser exemplificado pelo relato de Beatriz:

“... Até o meu marido é melhor dono de casa do que eu... Ele consegue fazer mais coisas do que eu... E o menino a gente começou a botar pra ele uma lista de tarefas.” (Beatriz, 31).

Entretanto, esse relato remete a um possível conflito que a mudança de papéis representa para a mulher, pois, como revela Gilles (2000), o investimento feminino no familiar está relacionado ao poder e ao domínio de um espaço singular. Logo, essa mudança pode provocar, na mulher contemporânea um sentimento de perda de seu lugar, ou seja, de tudo aquilo que ele significa.

DEMANDAS CONTEMPORÂNEAS E MATERNIDADE

A maternidade apareceu no relato da maioria das mulheres como um evento natural e desejado. Entretanto, para uma das entrevistadas, a maternidade é algo que não se desejava e foi imposta pelo marido:

“A curiosidade... e a insistência do meu marido. Ele chegou a me dizer; que se eu não tivesse filho ele faria fora e traria pra eu criar... aí pra ter uma relação harmoniosa, já que eu gosto dele, vamos ter filhos... Mas o instinto materno eu não tinha... fui adquirindo.” (Gabriela, 32 anos).

Esse relato ilustra a constatação de Badinter (1985) de que não existiria um instinto materno espontâneo em todas as mulheres, mas que o amor é “construído” nelas pela sociedade, atravessada pelos elementos culturais.

O nascimento de um filho, citando De Felice (2000), sempre provoca modificações na estrutura e dinâmica familiar, pois envolve a inclusão de um novo membro, que altera em maior ou menor grau o equilíbrio familiar anterior, o que é exemplificado pelo relato de Verônica:

... tu tem horários, se sair, 10:00/10:30 (da noite) tem que estar de volta; no domingo tu esquece que vai dormir até 10:30/11:00 horas, não mais; tem compromisso com a hora do café, com a hora do jantar, o lanchinho das 10:00, tu não vai sair mais pra viajar fim de semana desestressada, já sabe que tem mais malinhas pra carregar. (Verônica, 31 anos).

Segundo Gilles (2000), para a mulher, o fato de se dividir entre dois mundos vem acompanhado de conflitos e de interrogações, de uma busca de conciliação, que é frequentemente fonte de culpa e de insatisfação, conforme apontado pelo relato de Verônica:

“... tu passa por altos e baixos pra ti contornar algumas situações, tu quer ser uma mãe maravilhosa, tu quer acompanhar todos os passos dos seus filhos, mas ao mesmo tempo tu quer que o teu trabalho também, renda da mesma forma. Então assim... às vezes tu tem um sentimento de impotência, de repente a mulher teria que ter uma carga horária um pouco menor pra poder conciliar melhor, acompanhar os filhos nas aulas de balé, nas aulas de inglês, mas a gente sabe que isso no Brasil é... impossível.” (Verônica, 31 anos).

VIVÊNCIAS SUBJETIVAS DA MULHER NA ATUALIDADE

Percebe-se que a mulher já conquistou, quase integralmente, a valorização de seu trabalho fora de casa e busca, agora, a valorização de sua dupla jornada, pois são vários papéis a serem desempenhados e elas não sentem um reconhecimento disso, o que é ilustrado pelo relato de Verônica:

“... eu acho que a mulher tem um papel muito importante na sociedade, de repente aqui (Brasil), precisaria ser mais valorizada, porque tu trabalha fora, tu chega em casa tu tem mais uma outra jornada, e de repente até duas jornadas em casa porque, jornada

com os filhos, preocupada com a casa, supermercado, empregada, é comida, alimentação enfim... E além do mais tu tem que ser mulher, tu tem que namorar.” (Verônica, 31 anos).

Em meio a todas essas exigências, a mulher também se sente cansada e necessita de um tempo para se refazer, para dedicar a si, restabelecendo suas energias; é o que expõe Beatriz:

“... Às vezes tu cansa um pouco, final do dia tu quer sumir, um tempo pra ti ficar sozinha... hoje vou reservar um pouquinho da tarde pra mim, sair no centro... arejar a cabeça... às vezes eu sinto um cansaço mental.” (Beatriz, 31 anos).

Já para outras mulheres, a sensação é diferente, pois acabam esquecendo um pouco de si em virtude de todas as demais responsabilidades. O que pode ser ilustrado pela fala de Arlete:

“... às vezes tu pára e pensa: será que eu não estou esquecendo um pouco de mim, penso tanto no trabalho, filhos, na casa.” (Arlete, 43 anos).

Sobre a relação da mulher com as demandas contemporâneas, Gilles (2000) afirma que tudo na existência feminina tornou-se escolha, objeto de interrogação e de arbitragem. Isso se evidencia no relato de Gabriela:

“Adoro o que eu faço... demorei pra ter filho, pra ser mãe, porque eu queria estudar, trabalhar... Fica bem mais perturbado depois que tu tem filho... é muito difícil.” (Gabriela, 32 anos).

Assim, percebe-se que a mulher vivencia uma ambivalência de sentimentos em relação à conciliação de seus diferentes papéis pois, em algumas situações, sente-se valorizada, capaz, forte, já em outras sente-se desvalorizada, impotente e cansada. E essa ambivalência é uma constante em sua vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise dos resultados deste trabalho, percebeu-se que apesar de todas as mudanças ocorridas em relação aos papéis de gênero, o lugar

da mulher na esfera privada ainda é predominante, embora alguns homens, em determinadas famílias, dividam e até assumam as tarefas domésticas, anteriormente destinadas só às mulheres.

No entanto, a mulher ainda não se sente valorizada pelo exercício de sua dupla jornada, pois, além de trabalhar fora, quando chega em casa tem de desempenhar os papéis de mãe, esposa e dona de casa, não havendo o reconhecimento esperado tanto no que se refere a uma maior consideração de seu esforço de conciliação, quanto à consolidação de seu lugar no mercado de trabalho e, ainda, no que se refere à remuneração. Nessa direção, sente que, muitas vezes, suas energias se esgotam e sua fadiga torna-se sem sentido, pois, ao buscar realização em um âmbito perde espaço em outro. Entretanto, não deixa de exercer nenhum desses papéis devido à gratificação, mesmo que implícita, de buscar atender à demanda cultural contemporânea de ser capaz de dar conta de tudo.

À guisa de conclusão, o que se propõe para reflexão consiste em como a mulher viverá cada um desses papéis, ressaltando que a busca pela superação, ou seja, a perfeição vivida incessantemente é denunciada pelo sofrimento vivenciado em seu dia a dia, que pode tornar-se insuportável causando danos à sua saúde mental. Esse sofrimento pode estar associado às suas próprias exigências e à sensação de impotência advinda dessas, bem como, aos conflitos de prioridades, ou seja, o pouco espaço deixado para a reflexão do que realmente desejam para si.

Enfim, pode-se afirmar que a dinâmica da emancipação feminina consiste em uma difícil combinação entre a importância crescente de obter e consolidar sua competitividade no mundo do trabalho e o desejo de manter um papel de destaque na esfera privada, isto é, cumprir com as novas exigências de autonomia individual, sem desvencilhar-se de seu lugar de liderança nas atividades domésticas.

Pode-se considerar, enfim, que a mulher vivencia uma constante ambivalência de sentimentos em relação à conciliação entre trabalho e vida familiar, em uma busca constante de realização, tentando ser altamente competitiva e capaz em todas as esferas de sua vida.

Para encerrar, salienta-se que, a partir das reflexões propiciadas por este estudo, pode-se inferir que se não houver equilíbrio nessa conciliação e espaço para o exercício de autonomia, essa busca incessante poderá trazer profundos impactos sobre a saúde da mulher contemporânea.

REFERÊNCIAS

- BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. 9. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BAPTISTA, Sylvia Mello Silva. **Maternidade & profissão: oportunidades de desenvolvimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.
- BARDIN, Laurence. **A análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2004.
- CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.
- COLLING, Ana. A construção histórica do feminino e do masculino. In: STREY, Marlene N.; CABEDA, Sonia T. Lisboa; PREHN, Denise R. (Orgs.). **Gênero e cultura: questões contemporâneas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 13-38.
- DE FELICE, Eliana Marcello. **A psicodinâmica do puerpério**. São Paulo: Vetor, 2000.
- DINIZ, Gláucia R. S.. **Homens e mulheres frente à interação casamento-trabalho: aspectos da realidade brasileira**. In: FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. **Casal e família: entre a tradição e a transformação**. Rio de Janeiro: NAU, 1999. p. 31-54.
- GILLES, Lypovetsky. **A terceira mulher: permanência e revolução do feminino**. São Paulo: Companhia das letras, 2000.
- MARTINS, Joel; BICUDO, Maria A. Viggiani. **A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos**. 2. ed. São Paulo: Moraes, 1994.
- RAGO, Margareth. Ser mulher no século XXI ou Carta de Alforria. In: VENTURI, Gustavo; RECAMÁN, Marisol; OLIVEIRA, Sueli de. **A mulher brasileira nos espaços público e privado**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 31-42.
- ROMANELLI, Geraldo. Autoridade e poder na família. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant de (Org.). **A família contemporânea em debate**. 3. ed. São Paulo: EDUC/Cortez, 2000. p. 73-88.
- ROSSET, Solange Maria. **O casal nosso de cada dia**. Curitiba: Editora Sol, 2004.
- VAITSMAN, Jeni. Gênero, identidade, casamento e família na sociedade contemporânea. In: MURARO, Rose Marie; PUPPIN, Andréa Brandão. **Mulher, gênero e sociedade**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, FAPERJ, 2001. p. 13-20.

VENTURI, Gustavo; RECAMÁN, Marisol. As mulheres brasileiras no início do século XXI. In: VENTURI, Gustavo; RECAMÁN, Marisol; OLIVEIRA, Sueli de. **A mulher brasileira nos espaços público e privado**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 15-30.

WHITAKER, Dulce. **Mulher & homem: o mito da desigualdade**. 9. ed. São Paulo: Editora Moderna, 1996.

